

Permanência e evasão nas Licenciaturas em Física e Matemática do CEFET/RJ (Uned Petrópolis): percepções dos licenciandos

Elisabeth Gonçalves de Souza (Cefet/Rj) ¹

Paulo Henrique Silva Cunha²

RESUMO

A evasão no ensino superior é um dos problemas que mais afetam instituições e alunos durante o período de graduação. Analisar as causas para este efeito é de vital importância para que números da evasão possam diminuir e que os alunos possam concluir seus cursos. Com o curso de Licenciatura em Física e Matemática o cenário não é diferente, pois estas disciplinas são consideradas difíceis a partir de uma cultura escolar consolidada. A proposta deste trabalho consiste em apresentar dados quantitativos que fazem com que se tenha uma análise mais geral dos índices de evasão entre os alunos dos cursos de Licenciatura em Física e Matemática do Estado do Rio de Janeiro e posteriormente discutir qualitativamente, a partir de percepções de alunos e alunas matriculados e evadido(a)s as percepções que eles têm sobre as dificuldades de permanência nas duas licenciaturas oferecidas pelo Cefet/Rj Uned Petrópolis.

1 - INTRODUÇÃO

A evasão é um fenômeno social que leva ao abandono escolar, e como explicam Silva Filho *et al.* (2007) pode ser expresso pelo número relativo de estudantes que tendo iniciado um curso não o completa durante certo número de anos, deixando de frequentá-lo antes da sua conclusão. No contexto acadêmico, a evasão é entendida como a saída do aluno do sistema de ensino (BAGGI; LOPES, 2011), sendo que para Silva *et al.* (2018) o ato de evadir se refere a uma desistência ou abandono.

A evasão pode ser medida em uma instituição de ensino superior, em um curso, em uma área de conhecimento, em um período de oferta de cursos e em qualquer outro universo, desde que tenhamos acesso a dados e informações pertinentes. Em princípio, pode-se estudar a evasão no âmbito de uma IES, ou em um sistema, ou seja, um conjunto de instituições (SILVA FILHO *et al.*; 2007, p. 644).

A evasão nos cursos de licenciatura em Física e Matemática é algo antigo e recorrente até os dias de hoje. Por muitos anos, diversos autores vêm demonstrando o

¹ Professora da Licenciatura em Física e Matemática (Cefet/Rj- Campus Petrópolis); Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Elisabethsouza.cefetrj@gmail.com

² Licenciado em Matemática pelo Cefet/Rj Uned Petrópolis.

panorama dessa problemática em diversas universidades públicas e privadas no Brasil. Um estudo realizado por Prado (1990) demonstrou que desde a década de 80 a evasão no sistema Brasileiro de ensino chegava a 45%, sendo 40% em instituições públicas e 65% em instituições privadas, sendo as licenciaturas em Física, Matemática, Química e Biologia recordes neste aspecto negativo.

Tendo em vista os altos índices de evasão de alunos nos cursos de nível superior, sobretudo na formação de professores para áreas em que se faltam profissionais habilitados, se faz necessário uma ação conjunta de professores, coordenadores, direção e demais órgãos responsáveis para reduzir essa problemática antiga e atual.

Um estudo realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, demonstrou que é necessário aplicar medidas desde o ensino médio, trazendo o aluno do ensino médio para conhecer a universidade antes do ingresso a fim de aumentar o conhecimento dos vestibulandos acerca do possível curso a ser escolhido. Outra medida necessária é a maior aproximação entre docentes, veteranos e direção dos cursos com os alunos recém ingressos na Universidade e a implementação de bolsas de permanência e de iniciação científica para alunos com situação financeira mais vulneráveis (MACHADO; MELO-FILHO; PINTO, 2005).

Neste sentido, este trabalho buscou realizar uma análise quantitativa e qualitativa da evasão nas licenciaturas em Física e Matemática do Cefet/Rj e ainda analisar as percepções de alunos matriculados e evadidos nas duas licenciaturas.

Buscamos, a partir destas análises compreender motivos que conduzem à permanência dos alunos e motivos que os afastam da licenciatura no intuito de contribuir para futuras discussões no que diz respeito à políticas internas e externas que busquem democratizar de forma mais ampla o acesso e a permanência a cursos superiores

2 - METODOLOGIA

Em virtude da natureza do problema a ser investigado, buscamos na pesquisa qualitativa e quantitativa instrumentos que colaborassem para nossa coleta de dados e assim conseguíssemos responder à questão de investigação.

No intuito de respondermos à questão que mobiliza esta pesquisa, num primeiro momento buscamos dados na Plataforma Nilo Peçanha que é responsável pela organização e divulgação de dados referentes às matrículas, evasão dentre outras informações da Rede de Educação Tecnológica do país que compreende Institutos Federais e Cefets.

Para o segundo passo de nossa coleta de dados, desenvolvemos um roteiro de pesquisa semiestruturado, para os alunos matriculados e evadidos das duas licenciaturas na Uned/Petrópolis. Os convites para participação foram enviados por aplicativos de mensagens para os alunos ainda frequentes nos cursos e para alunos evadidos. Responderam à mensagem 6 alunos, sendo 4 matriculados e 2 evadidos. A entrevista foi realizada de forma remota, para facilitar datas e horários. As identidades dos sujeitos serão preservadas conforme informação dada e aceita por todos durante a entrevista e ciência de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Toda a coleta de dados aconteceu de forma anônima, com vistas a garantir a privacidade do aluno.

3 - RESULTADOS

A evasão pode ser aplicada em diversas áreas do conhecimento, porém como este trabalho tem como objetivo tratar da evasão em dois cursos de ensino superior, se faz necessário não somente a definição de evasão, mas como a mesma deve ser analisada em função de fatores internos e externos que venham a influenciar a decisão do aluno.

Gaioso define evasão como sendo a interrupção no ciclo de estudos, em qualquer nível de ensino (Cunha & Morassini, 2013 *apud* Gaioso 2005). Já para Kura, o termo evasão é frequentemente utilizado para se referir à “perda” ou “fuga” de alunos da universidade (Cunha & Morassini, 2013 *apud* Kura 2002).

Para Baggi e Lopes (2011) eles definem a evasão como a saída do aluno da instituição antes da conclusão de seu curso. Eles mostram ainda que a evasão deve ser analisada por um contexto histórico amplo, pois é reflexo da realidade de níveis anteriores de ensino, influenciando de diversas maneiras para o abandono de um curso superior.

Em Dantas et.al (2012), a evasão tanto no ensino básico quanto no ensino superior é um problema mundial e o controle dos seus índices é prioridade entre os países desenvolvidos. Na educação é necessária uma gestão voltada para a qualidade do ensino, permanência e êxito dos estudantes, a fim de que se alcancem metas para os indicadores de eficiência acadêmica.

A evasão pode ser dividida em três modalidades de acordo com Rosa (2014, p.247) e utilizado pela Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). A primeira modalidade trata da evasão como o desligamento do curso superior em razão do abandono, o que pode ocorrer pela não realização da matrícula, transferência de instituição de ensino, mudança de curso, trancamento ou exclusão por desatendimento a alguma norma institucional. Já a segunda modalidade trata

a evasão como o desligamento da instituição na qual o aluno está matriculado. Por fim a terceira modalidade retrata a evasão como abandono definitivo ou temporário do sistema de educação superior.

Tendo em vista a dimensão territorial e a diversidade de regiões brasileiras foi necessário a criação de um mapa que demonstrasse o panorama do Ensino Superior no Brasil e todos os seus dados. O Mapa do Ensino Superior no Brasil apresenta dados de matrícula e evasão de forma geral, por regiões e estados o que nos possibilita realizar reflexões sobre acesso e permanência bem como pensar políticas públicas para que este nível de ensino seja mais democrático e eficiente.

O que podemos notar a partir da análise dos dados do Mapa da Educação Superior³ é que nos últimos 6 anos as matrículas na rede privada caíram substancialmente, enquanto na rede pública os números subiram um pouco. Ainda assim, dada a queda de matrículas da rede pública, o número total de matrículas é o menor na série de anos apresentada.

Já os dados sobre evasão demonstram que ela ainda é bem alta em nosso país quando se trata de cursos superiores. Os índices do Mapa, calculados desde 2014, oscilam de 27 a 31% na rede privada e de 18 a 21% na rede pública, configurando num total entre 25 a 28% analisadas as duas redes.

Assim, podemos observar que, ainda que a rede pública tenha uma evasão menor, comparada com a rede privada, os índices ainda são altos e merecem bastante atenção porque revelam que, de alguma forma, as políticas de acesso e permanência não tem conseguido atingir a todos os graduandos.

3.1 - Evasão nas Licenciaturas em Física e Matemática do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, unidade descentralizada de Petrópolis.

O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/Rj) é uma instituição centenária dedicada especialmente, desde sua criação, à formação profissionalizante. Nos últimos 15 anos, o Cefet/Rj expandiu-se e conta hoje com sua sede principal no bairro Maracanã no Rio de Janeiro e tem mais sete unidades descentralizadas (Uneds), no município do Rio de Janeiro e no interior. Dentre as unidades do interior, está a Uned Petrópolis onde estão os cursos de Licenciatura em Física e Matemática, foco de nossa discussão.

³ <https://www.semesp.org.br/mapa/educacao-13/>

Ao consultarmos a Plataforma Nilo Peçanha para buscarmos dados para nossa pesquisa encontramos informações relativas à Eficiência Acadêmica. Este dado diz respeito à capacidade que uma instituição de ensino tem de atingir os resultados previstos em relação ao número de matrículas de um determinado ciclo. Para que se chegue no resultado da eficiência acadêmica três variáveis são consideradas: a) percentual de alunos formados, b) percentual de alunos evadidos; c) percentual de alunos que não se formaram dentro do ciclo (retenção).

A imagem abaixo apresenta os dados que constam na Plataforma Nilo Peçanha relativo à eficiência acadêmica das instituições de ensino do Rio de Janeiro, dentre elas, o Cefet.

Imagem 01 – Eficiência Acadêmica, evasão e retenção Rio de Janeiro



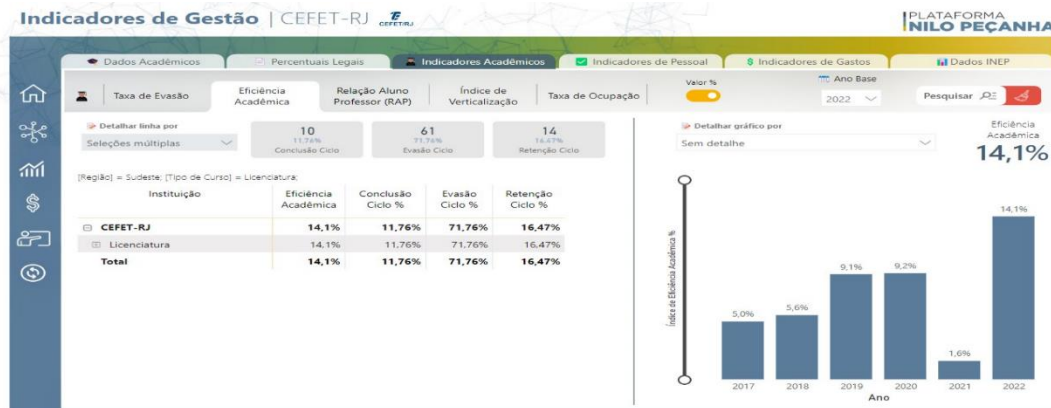
Em relação à eficiência acadêmica, o CEFET ocupa a segunda posição em relação aos cursos de licenciaturas oferecidos pelos Institutos Federais (IF) que são sediados no Estado com um percentual de 14,1. Mas o que chama a atenção é o percentual de evasão no ciclo, de 71,76. Estes dados indicam que muito precisa ser feito em relação à eficiência acadêmica e estratégias para minimizar a evasão.

Imagem 02 - Eficiência Acadêmica, evasão e retenção Cefet/RJ



Na imagem 02 refinamos a busca para as licenciaturas do Cefet/Rj. Em comparação com a imagem 01a eficiência acadêmica sobe um pouco, mas ainda é muito preocupante, pois o índice de evasão ainda é na casa dos quase 70%.

Imagem 03 - Eficiência acadêmica uned Petrópolis



Um dado relevante na imagem 03 aponta que o ano de 2021 apresentou a pior eficiência, certamente devido aos impactos da pandemia, que atingiram de forma profunda os processos de ensino e aprendizagem. No que diz respeito aos licenciandos, questões de ordem financeira, de acesso às tecnologias e psicológica podem ter afetado o desempenho das atividades e comprometido a permanência no curso ou a conclusão de etapas.

4 - DISCUSSÃO

Os dados apresentados na seção anterior revelam que o problema da evasão atinge todo o ensino superior. São dados preocupantes, sobretudo para as licenciaturas de componentes curriculares como a Física e Matemática, componentes estes que apresentam certa escassez de licenciados, sobretudo quando se trata de professores de Física.

Dando continuidade à nossa investigação, ouvimos seis jovens, alunos e ex-alunos do Cefet/RJ, campus Petrópolis, pertencentes em algum momento às licenciaturas em Física e Matemática. A seguir traremos dos sujeitos desta pesquisa

Foram entrevistados 6 educandos, sendo 2 do gênero feminino e 4 do gênero masculino. A idade varia de 21 a 25 anos, que é a média atual dos cursos de graduação do Cefet. Dos entrevistados 5 ingressaram no curso no período da Pandemia, apenas um

entrevistado entrou um semestre antes das atividades se tornarem remotas. No que diz respeito à cidade de residência, três dos entrevistados moram em municípios da baixada, dois em Petrópolis e um dos entrevistados é da cidade de Juiz de Fora.

Na entrevista foi questionado aos alunos sobre se o curso iniciado seria a primeira opção do candidato. Dos sujeitos evadidos obtivemos as seguintes respostas.

Entrevistado 02 - *na época, eu estava muito afim de fazer Física. Eu sempre, assim, me interessei por esse tipo de assunto, Ciência, ambas, tipo, Biologia e Física, Astronomia, eu gostava disso tudo. E, assim, eu entrei meio que numa vibe, por assim dizer, de Física e eu queria estudar, mas acabou que, quando eu entrei lá, não era exatamente o que eu estava pensando que seria. E, fora a dificuldade de ser à distância, eu achei que isso tudo atrapalhou. E eu conheci a faculdade pesquisando sobre as faculdades de Física que tinham aqui na região.*

Entrevistado 01 - *Não tinha noção nenhuma. Eu vejo que tem muita criança que, desde pequenininha, fala assim, ah, que eu quero ser médica, quero ser advogada. Eu nunca tive isso, nunca, nunca, nunca. Nunca na vida eu fiquei, ah, quero ser isso, isso, isso. Não. Aí, no terceiro ano, chegou a época de decidir e aí eu pensei em mil cursos. Mil cursos que eu poderia fazer. Gosto de moda, gosto de arquitetura, fisioterapia, tudo. Só que eu ficava pensando assim, cara, eu preciso de uma coisa que me dê estabilidade*

O que podemos notar a partir da exposição dos sujeitos é que as dificuldades iniciais que podem levar a desistência são de ordens diversas. Porém, numa análise detalhada das duas falas evidenciamos que um ponto converge: informações sobre os cursos pretendidos. Talvez tenha faltado base de escolha a estes alunos e acesso a maiores informações sobre o curso. Defendemos a ideia de que, maiores informações e maior divulgação sobre o perfil dos cursos pode facilitar aos futuros graduandos escolhas melhores nas quais eles se identifiquem.

Estes entrevistados que optaram pela desistência do curso afirmaram não ter participado de programas de permanência. Fato comum que os dois apontam é a falta de informações sobre os procedimentos para acesso aos benefícios. Ambos disseram que tinham interesse nos auxílios, mas que não sabiam ao certo como proceder.

A este respeito é necessário que haja esforço conjunto da instituição e das representações estudantis para garantirem aos alunos acesso aos auxílios, pois eles configuram com fator de permanência dos alunos. Sobre o motivo real da desistência, estes alunos afirmaram que:

Entrevistado 02 - *culminou com eu estar fazendo à distância, aí acabou que eu meio que deixei de lado, sabe? Eu estava trabalhando também na época e tinha que conciliar o trabalho com a faculdade, nem sempre conseguia chegar na hora certa das aulas e tudo mais.*

Entrevistado 01 - *eu não me adaptei ao curso direito, porque eu gostava da matemática da escola, né? Do Instituto Médio, do Fundamental. Eu sabia que ia ser difícil, sabia que seria totalmente diferente. Mas quando eu entrei, isso no primeiro período, eu já fiquei assim, caraca, que matérias são essas? Essas disciplinas, tudo assim, de uma vez? Eu fiquei assim, gente, que isso? Eu vou ficar doida. Aí eu pensei, acho que eu não vou aguentar, acho que não é isso que eu quero pra mim. Estava muito confusa ainda. Estou até hoje um pouco confusa, mas estava ainda mais. Falei, cara, juntou uma coisa com a outra. Falei, acho que não vai dar certo. E aí eu optei por sair.*

Esta entrevistada alega ainda que o fato de morar fora de Petrópolis foi fator preponderante para ela deixar o curso. Para ela se afastar da casa dos pais pesou consideravelmente além do que ela retrata na sua fala acima, sobre a falta de conhecimento de como um curso de graduação numa área específica é organizado. Este fator vai ao encontro dos fatores anteriores: a falta de informação para alunos do Ensino Médio sobre o que é, como funciona e quais os objetivos de um curso de graduação.

De acordo com Campos (2018) raríssimas instituições de ensino superior desenvolvem práticas de fortalecimento da permanência estudantil que ultrapassem as recomendações da PNAES, sendo que “[...] as instituições têm adotado precipuamente estratégias relacionadas às orientações da PNAES para o fortalecimento da permanência, sendo comum o oferecimento de auxílios/bolsas, tais como: auxílio alimentação, bolsa permanência, auxílio transporte, auxílio moradia”, sendo que “algumas IES, além das práticas preconizadas pelo PNAES, desenvolvem projetos e programas de acolhimento aos estudantes e também oferecem bolsas de monitoria e de incentivo à iniciação científica” (CAMPOS, 2018, p. 197)

Um ponto interessante relativo a este grupo de alunos é que os quatro recebem alguma bolsa ou auxílio, seja o PAE ou bolsa de iniciação científica. Dos quatro, apenas um diz que consegue se manter no curso sem os recursos, que é bolsista de IC pela busca de experiências. Para os demais, os auxílios e bolsas são elementos importantes para a permanência no curso. Chamou-nos a atenção o seguinte relato:

Entrevistado 05 - *a gente começou o nosso curso. A gente não teve muita informação sobre as bolsas, né? Que era dada para os estudantes, por exemplo, os auxílios estudantis. Sempre foi a oferta dos estudantes, mas a gente não sabia. A gente acabou ficando quase um ou dois períodos ali sem receber bolsa, né? Aí eu conheci a Iniciação Científica (...) A gente começou primeiramente com a bolsa de iniciação, recebendo ela por um tempo e depois a gente conseguiu a de auxílio estudantil, que a gente está recebendo hoje em dia. Quer dizer, não recebemos ainda. Então, acho que sim, já me beneficieei com essas bolsas*

As informações dadas pelos entrevistados vão ao encontro dos relatos anteriores dos dois alunos evadidos: falta informação aos recém ingressantes sobre como acessar os auxílios. Vale ressaltar que para boa parte dos alunos da graduação, estes auxílios são

fundamentais para a permanência dos alunos, tendo em vista as condições socioeconômicas de muitos deles. Para nós, a falta de informação pode gerar interpretações talvez equivocadas que podem levar a uma impressão de que há uma diferenciação no tratamento dos alunos ingressantes ou um sentimento de não acolhimento. Estes elementos agregados a muitos outros podem resultar na desistência do curso, acarretando a evasão.

A este grupo de quatro alunos foi questionado também sobre se em algum momento do curso ele(a) pensou em desistir. A este respeito, de alguma forma e por motivos variados, os entrevistados afirmaram que pensaram em momentos diferentes do curso em desistir. Os motivos vão desde o peso da estrutura curricular em determinados semestres, um dos entrevistados cita o 4º período da Física, até por questões climáticas, tendo em vista as tragédias em Petrópolis em 2022. Mas o mais recorrente diz respeito ao peso de algumas disciplinas e ao deslocamento. A isso soma-se a vida pessoal destes estudantes que segue paralela ao curso e, mesmo que a instituição não considere o que acontece na vida dos alunos fora da estrutura física do prédio, os problemas cotidianos continuam tomando conta da vida de todos. Um dos alunos destacou um momento difícil quando pensou em desistir:

***Entrevistado 06** - quando o curso voltou da pandemia. Porque, meio que assim, você tá num curso na pandemia, você não consegue as matérias são menos aplicadas, você não tem tanto tempo de aula, é muito restrito, então você acaba que não absorve tão bem os conteúdos quanto você absorveria em sala de aula em si, né? E quando eu voltei, eu voltei pegando umas matérias muito difíceis, né? Juntas. E eu tinha começado a trabalhar em uma escola, no Instituto da Prefeitura, ganhando muito pouco, trabalhando muito tempo, então não tinha tempo de estudar e tinha pego matérias como x, por exemplo. Aí eu cheguei até a repetir x nesse semestre, não tinha tempo de estudar, a matéria era muito complicada, acho que a docência em si não estava me ajudando muito nesse sentido, como a matéria tava sendo aplicada, as provas estavam muito complicadas, então foi um momento que eu falei, cara, acho que não tá compensando muito isso não. Enfim(...).*

A relação entre trabalho e estudo pode ser bem complicada para administrar. No relato acima o entrevistado aponta esta relação e uma falta (de certo modo) do olhar para o aluno trabalhador. Esta não é uma questão única apenas do docente aqui indicado. É uma questão que afeta todos os cursos superiores, sobretudo os que não são em tempo integral. Compreender as dificuldades de um aluno trabalhador ainda não faz parte da cultura escolar do ensino superior. É preciso, urgentemente, ampliar as discussões para que a trajetória deste alunos seja bem sucedida e de qualidade, mesmo ele necessitando trabalhar. Barros *et al.* (2020, p. 20) concluíram, em pesquisa sobre a evasão em cursos de

Licenciatura em Matemática e Física do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus Campina Grande, que:

a dificuldade de conciliar trabalho e estudo foi o motivo de ordem pessoal que mais contribuiu para a saída do curso. Entre os fatores internos (de natureza acadêmica e/ou institucional), aquele que mais influenciou na decisão de evadir-se envolve questões referentes ao professor e às práticas pedagógicas, especialmente no tocante à didática e à avaliação utilizada. Por fim, o item insatisfação com o mercado de trabalho da profissão escolhida foi apontado como o fator externo mais decisivo para o abandono do curso. (BARROS et al., 2020, p. 20).

As duas últimas questões da entrevista versaram sobre espaços de convivência na instituição, sugestões para a organização do curso e apontamentos sobre metodologia e avaliações dos professores dos cursos de Licenciatura em Física e Matemática do Cefet/Rj, Uned Petrópolis. A este respeito tivemos as seguintes falas:

Entrevistado 05 - *em relação ao curso, acho meio difícil eu conseguir opinar em alguma coisa específica. Mas, vou botar aqui um exemplo. Algo que me afetou bastante foi, por exemplo, pegar uma matéria x, com um professor que tinha uma didática bem ruim, e que não prestava para aquela disciplina. Claro que eu não estou dizendo que o professor que é doutor é ruim, mas que a didática em certa disciplina não se aplicava. Então, por exemplo, o professor que tem mestrado ou doutorado em área de educação, lecionando disciplina de X, não tinha uma didática muito boa, o que me afetou bastante. Basicamente, fiz meu a disciplina sozinho. Então, tem questões que precisam ser reavaliadas com o colegiado, para ser distribuída melhor a disciplina dos professores, de forma que não prejudique os alunos. Da mesma forma que a gente também ficou prejudicado com X2, porque não tinha professor para lecionar para a gente.*

Entrevistado 06 - *É, porque acaba que a prova, como avaliação, em muitos momentos, ela vem realmente com esse nome, né? Acaba se tornando uma prova de resistência ali pro aluno, né? Gera esse medo aí e acaba com o aluno... Talvez ele saiba do conteúdo, mas acaba que ele trava na hora da prova ali. Então é difícil. E aí, pra gente encerrar aqui, a gente já falou bastante sobre a questão da assistência, né? E, por exemplo, sobre o apoio psicológico dentro da instituição. Você acha que isso é benéfico? É fácil conseguir o acesso? Ou você acha que deveria acontecer de outra forma?*

Analisando as percepções dos entrevistados percebemos que as sugestões dadas variam da forma como os docentes agem em sala de aula até a necessidade de políticas públicas de alimentação e transporte. Sobre as duas últimas sugestões, elas são extremamente importantes para o acesso e a permanência nos cursos. O fato de o transporte público ter sido sofrido alterações durante a pandemia e os horários ainda permanecerem reduzidos têm comprometido muito a chegada dos alunos aos seus destinos. A ausência de um bandeirão e mesmo de uma cantina dentro do CEFET é outro fator que prejudica muito a vida, sobretudo dos alunos trabalhadores ou que moram

distante do centro da cidade ou mesmo fora dela. Reivindicar por estas melhorias é urgente.

Outro ponto de destaque nas falas dos sujeitos é a respeito da condução das aulas por alguns professores. A discussão sobre a “falta” de Didática ou a presença dela é muito recorrente nos dois cursos. Este fator não é uma exclusividade da nossa unidade. A cultura de formação docente, sobretudo para a área de exatas, é de um maior valor ao que Saviani chama de conteúdos culturais cognitivos (SAVIANI, 2009). Nesta cultura muito presente na formação inicial de muitas licenciaturas coloca em segundo plano a formação pedagógica, o que para o referido autor cria um dilema. Para nós, cria um problema. O equilíbrio na formação dos licenciandos é fundamental para que eles dominem a área específica e dominem também as formas de ensinar o conteúdo. A ausência de saberes docentes relativos à prática pedagógica faz com muitos professores, com formação em graus e áreas diversas, não compreendam, por exemplo, o processo de avaliação e replicam modelos vividos na sua trajetória. Esta ausência contribui para que as avaliações sejam reduzidas a provas escritas e outros instrumentos avaliativos não sejam considerados, o que acaba prejudicando os graduandos e levando, muitas vezes, à desistência da graduação.

5 - CONCLUSÃO

Esta pesquisa evidenciou a percepção de um grupo de alunos sobre acesso e permanência nas licenciaturas. Nosso intuito era compreender como estes alunos percebiam os cursos que escolheram, o que os levou a desistir e o que os levou a continuar. Podemos observar que os motivos para a desistência estão relacionados, de acordo com os pesquisados, à distância entre o curso e residência e à relação complicada estudo x trabalho.

Podemos concluir que os principais motivos que levam os alunos a se manterem no curso é a participação e motivação por parte de alguns professores, as bolsas estudantis, participação em programas de auxílio. A partir das respostas dos alunos, acreditamos que seria necessário: (1) pensar em políticas mais fortes de permanência que considerem transporte e alimentação; (2) pensar em políticas de formação continuada para os docentes do ensino superior, no que diz respeito à formação pedagógica, sobretudo no que diz respeito as formas de lidar com alunos trabalhadores; (3) aprofundar a relação universidade e escola para uma formação docente mais contextualizada. Além disso, também precisamos de uma maior conscientização dos professores acerca das

dificuldades dos alunos, revendo alguns conceitos como avaliação e o próprio tratamento existente na relação entre professor-aluno.

Por fim, defendemos que, para melhorar os aspectos referentes ao acesso, a permanência e a evasão nos cursos de Licenciatura em Física e Matemática, será necessário buscar novas ações que valorizem tanto os professores quanto o percurso acadêmico dos alunos. Se não fizermos algo urgente, correremos o risco de uma total falta de professores, principalmente na área de exatas.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Sergio de Mello et al. Dados comparativos sobre a evasão em física, matemática, química e biologia da Universidade Estadual de Londrina: 1996 a 2004. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 23, n. 3, p. 418-438, 2006.

ATAÍDE, Jair Stefanini Pereira de; LIMA, Lourivaldo Mota; ALVES, Edvaldo de Oliveira. A evasão escolar e a repetência no curso de Licenciatura em Física: um estudo de Caso. **XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física**, 2007.

BARROS, A. S. X.; FIGUEIREDO, A. S.; LUNA, W. A.; SILVA, E. F.; ALMEIDA, F. J.; SOUZA, L. S.; NASCIMENTO, D. A. **A evasão discente no contexto dos cursos de licenciaturas em Matemática e Física do IFPB-CG**. Revista Principia, João Pessoa, v. 48, p. 20-32, mar. 2020.

CAMPOS, L. C. **Políticas de permanência estudantil em cursos de licenciaturas no período de 2007 a 2017: a experiência da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberlândia**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

FERREIRA, Juliana Machado. **Um olhar sobre a evasão no curso Licenciatura em Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Física)-Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR, 2017.

GOMES, Fernando; MOURA, Dante. Investigando as causas da evasão na Licenciatura em Física do CEFET-RN. **Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, v. 11, 2008.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 19, n. 1, p. 7-17, 2018.

LOUZANO, Paula et al. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação do docente no Brasil. **Estudos em avaliação educacional**, v. 21, n. 47, p. 543-568, 2010.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo-manual didático**. São Carlos-SP: Pedro e João, 2020.

PRADO, Fernando Dagnoni. Acesso e evasão de estudantes na graduação: a situação do curso de Física da USP. **Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo**. São Paulo, SP, 1990.



ROSA, Chaiane de Medeiros. Limites da democratização da educação superior: entraves na permanência e a evasão na Universidade Federal de Goiás. **Póiesis Pedagógica**, v. 12, n. 1, p. 240-257, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 143-155, 2009.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-370, 2006.